

REPRESENTAÇÃO DA DIVERSIDADE NA FOTOGRAFIA: ENSAIO (COR)PO E GÊNERO

REPRESENTATION OF DIVERSITY IN PHOTOGRAPHY: ESSAY (COR)PO E GÊNERO

Bruno José Fiorini¹ e Luciana Carvalho²

RECEBIDO EM: 26/01/2017 | APROVADO EM: 04/02/2017

DOI: 10.5902/2317175825705

RESUMO

Em sua face externa, o Brasil é considerado como o país da diversidade. Diversidade de cores, raças, etnias e gêneros, o que o torna um país onde não haveria preconceitos entre pessoas. Porém, a discriminação inicia quando uma sociedade julga uma cor sendo de menino e outra sendo de menina, deixando clara a imposição de como cada indivíduo deve agir perante o seu gênero, cor, raça e etnia. Este ensaio possibilita entender o uso das cores e da diversidade na representação fotográfica, mais especificamente na questão do corpo e dos gêneros, para contribuir com o rompimento desses estereótipos. O principal resultado obtido neste trabalho foi o desenvolvimento de um conhecimento maior sobre a diversidade, seja ela por cor, raça, etnia ou gênero. Como conclusão, entende-se que são as diferenças entre indivíduos que tornam a sociedade plural, e a fotografia ajuda a entender as diferenças como riqueza.

Palavras-chaves: Diversidade. Gênero. Fotografia. Cor.

1 Estudante do 6º semestre de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen, bolsista de iniciação científica (bolsa FIPE), integrante do grupo de Pesquisa Comunicação, Tecnologia e Sociabilidades - COTECS. E-mail: brunojosefiorini@gmail.com

2 Orientadora do artigo. Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen, doutora em Comunicação (UFSM), líder do grupo de pesquisa Comunicação, Tecnologia e Sociabilidades - COTECS. E-mail: luciana.carvalho@ufsm.br

INTRODUÇÃO

As cores estão sempre presentes no nosso dia-a-dia, tanto que costumamos não dar a devida importância para elas. Na hora de escolher uma embalagem de presente, por exemplo, costumamos ouvir “é para homem ou para mulher?”, pois a sociedade costuma atribuir uma cor para cada gênero.

Podemos também observar a representação das cores na sociedade, em que as pessoas são separadas por sua cor, aparência física e sexualidade, sendo que “cada cultura elabora corpos desejáveis e/ou corpos não desejáveis” (GOELLNER, 2010, p. 74), o que torna cada vez mais preconceituosa a sociedade.

Este ensaio propõe uma reflexão sobre o uso das cores e da diversidade na representação fotográfica, mais especificamente na questão do corpo e dos gêneros, para contribuir com o rompimento desses estereótipos.

O ensaio tem como objetivo mostrar que não há uma cor definida para cada gênero e que a pluralidade de cor e gênero na sociedade é o que a torna bela e agradável. As cores escolhidas para cada modelo são as que, de alguma forma, a sociedade atribui para um gênero específico ou contra as quais tem algum preconceito.

1 COR, CORPO, GÊNERO E DIVERSIDADE

Não é de hoje que os grupos³ menos privilegiados sofrem preconceitos e são discriminados pela sociedade. As questões raciais e de gênero não são assuntos abordados apenas no século XX. As mulheres e escravos protagonizam, desde aproximadamente 1794, movimentos que buscam romper discriminações por cor, raça e gênero, para tornar a sociedade mais igualitária. (SCOTT 2005, p. 15)

Nas escolas, podemos observar os primeiros sinais de preconceito e discriminação contra os grupos mais marginalizados.

Se um adolescente ou um aluno manifesta qualquer sinal de homossexualidade, logo aparece alguém chamando-o de ‘mulherzinha’ ou ‘mariquinha’. O que poucos se perguntam é por que ser chamado de mulher pode ser ofensivo. Em que sentido ser feminino é mau? (CARRARA 2006, p. 24).

E é no ambiente escolar que o “respeito à diversidade cultural, social e sexual deve ser o primeiro passo para uma política inclusiva” (GOELLNER, 2010, p. 80). Segundo Joan Scott (2005 p. 13), a igualdade entre os indivíduos, seja de raça, cor, etnia e orientação sexual só pode ser implementada quando as pessoas são julgadas como indivíduos. A autora cita, ainda, que a “igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração” (SCOTT, 2005, p. 15).

³ Joan Scott (2005), define grupo como sendo pessoas que são separadas por sua cor, classe social, etnia e orientação sexual.

O corpo é objeto de estudo há muito tempo. Segundo Yvonne Kniebihler (1979 *pub* SCOTT, 2005, p. 16), o critério de seleção para um indivíduo trabalhar em cargos públicos e exercer funções externas a trabalhos domésticos era a genitália, devido ao órgão sexual masculino ser “para fora” e o feminino “para dentro”. O “macho é macho somente em certos momentos, mas a fêmea é fêmea toda a vida”. Desta maneira, os homens se diferenciavam das mulheres por conseguirem transcender o sexo.

A palavra gênero, para Maria L. Heilborn, nada mais é que “um conceito das ciências sociais que se refere à sociologia do sexo. [...] O conceito de gênero existe, portanto, para distinguir a dimensão biológica da social”. (1997, p. 101). A modernidade líquida, de que falava Zygmunt Bauman (2001), popularizou esse conceito na sociedade.

No livro *O segundo Sexo*, Simone de Beauvoir (1970, p. 7) atestou: “não se nasce mulher, torna-se”. A autora cita ainda que “todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade”. A autora afirma que não existe mais uma definição imutável para a palavra mulher, nem para judeus ou para negros. “Se hoje não há feminilidade, é porque nunca houve” (BEAUVOIR 1970, p. 8). Beauvoir, com essas afirmações, contribuiu para os estudos da diversidade, assunto que será abordado no próximo tópico.

2 REPRESENTAÇÃO DA DIVERSIDADE NA FOTOGRAFIA

O Brasil é (ou deveria ser) o país da diversidade. Diversidade de cores, raças, etnias, crenças e gênero. Sérgio Carrara observa que “nem sempre as diferenças são vistas como riqueza em nosso país, apesar de o Brasil apresentar, em sua face externa, a imagem do país da diversidade” (2009, p. 19). E expor a diversidade, seja através de foto ou de qualquer outra maneira, ainda é vista como tabu pela sociedade.

Com o crescimento no número de pessoas que utilizam *smartphones* e aplicativos que, possuam vinculados a seus sistemas, uma câmera digital, vive-se em um período em que fotografar ou registrar momentos já se tornou hábito.

Com a proliferação das imagens, a cada dia elas perdem mais a sua capacidade de dizer algo a alguém. [...] As pessoas que vivem essa dispersão perceptiva de modo permanente acabam por perder a sensibilidade para ver as coisas, enxergando-as como signos, extraindo sentidos diferenciados da materialidade do mundo e dos significados incorporados às imagens que nos rodeiam (LOPES, 2002, p. 63).

Ana Elisabete Lopes acredita que o século XXI esteja visivelmente poluído devido à disseminação de imagens, e que as escolas devem oferecer uma educação estética que tenha “como objetivo desvelar, ampliar e propor desa-

“fios a partir de experiências lúdicas, cognitivas e sensíveis que envolvam a arte e os demais campos do saber” (2002, p. 63-64).

E qual o sentido de narrar a diversidade por meio de fotografias, em um século que já está saturado visualmente?

A narrativa de uma imagem fotográfica “deve a maior parte do seu poder descritivo à sua capacidade de dispor elementos no espaço” (GODOSLPHIM, 1995, p. 175). E a diversidade é um emaranhado de cores, corpos, culturas e etnias, que em uma narrativa visual fica melhor exemplificado. As narrativas por meio de imagens tendem a “desconstruir’ as imagens estereotipadas acerca de alguns grupos” (CARRARA, 2009, p. 34).

O ensaio “(cor)po e gênero” tem como objetivo desmistificar as cores como tendo um gênero específico, quebrando esse tabu social de que o “azul é cor de menino e o rosa é cor de menina”, assunto abordado no próximo tópico.

3 ENSAIO (COR)PO E GÊNERO

Parafrazeando a afirmação de Sebastião Salgado, fotografar é registrar sentimentos por meio de uma máquina. Fotografar a diversidade entre pessoas e cores tende a gerar registros com uma carga de sentimentos ainda maior. Fotografar um corpo tocando o outro ou uma cor se misturando com a outra torna impossível não se demonstrar sentimentos nessa arte.

O ensaio surgiu a partir do tabu que a sociedade cria quando diz que azul é cor de menino e rosa é cor de menina, impondo desde cedo o que cada pessoa deve gostar e como deve agir em relação ao seu gênero.

Para desenvolver as fotos, foram escolhidas seis cores de tintas e, junto com as cores, seis modelos: três meninos e três meninas, para assim formar dois casais homossexuais e um heterossexual. As cores também foram escolhidas conforme cada casal e pessoa, para que assim fosse “considerada como uma obra aberta, passível de múltiplas interpretações (GODOSLPHIM, 1995, p. 170).

Tornar visível o afeto entre pessoas do mesmo sexo não é um hábito que vemos com frequência na sociedade. A não ser que as pessoas procurem essa forma de afeto em seu ciclo social, seja simpatizante ou representantes da sigla LGBT⁴ (ou LGBTTT).

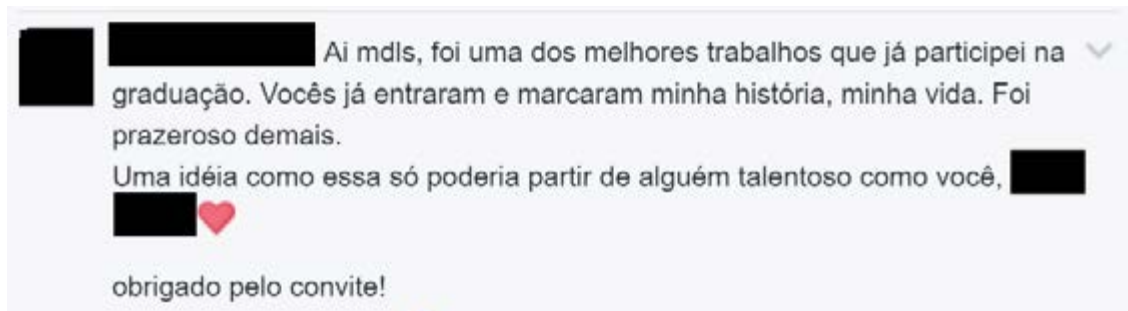
A cultura de cada povo ou sociedade é o que a torna preconceituosa ou estereotipada com a diversidade.

Por exemplo, todas as culturas definem o que as pessoas devem levar como vestimenta e adorno. Muitas vezes, a cultura ocidental se negou a ver nas pinturas corporais ou em diferentes adornos e adereços dos grupos indígenas sul-americanos os correspondentes às nossas roupas, e criou-se a idéia de que o “índio” andaria pelado, avaliando tal comportamento como “errado” (CARRARA, 2009, p. 24).

4 A definição da sigla LGBT ou LGBTTT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, que consistem em diferentes tipos de orientações sexuais.

As fotos trazem pinturas corporais e gestos que representam afeto entre os casais. No ensaio, um modelo pinta o outro, deixando os sentimentos aflorados. Um dos modelos que participou do ensaio, representando o integrante de um dos casais gays, comentou em uma publicação na rede social *Facebook* o quanto o ensaio foi prazeroso para ele.

Figura 1: Comentário do participante na rede social.



Fonte: Facebook.com/ 2017

O entrosamento entre os modelos e a alegria contagiante que os mesmos passaram possibilitaram o resultado deste ensaio, tornando-o uma representação da diversidade entre pessoas, de cores diferentes, de perspectivas diferentes. No momento da captura, eles não estavam preocupados com os olhares preconceituosos da sociedade e, sim, em deixar transparecer a alegria que é ter a diversidade de cores e de gêneros em seu dia-a-dia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate sobre as classes menos favorecidas em uma sociedade geram longas discussões. O presente ensaio possibilitou desenvolver um conhecimento maior sobre a diversidade, e também possibilitou perceber que cada indivíduo, seja representado por qualquer classe, cor, raça, etnia e gênero, é importante para tornar uma sociedade plural.

Como já foi dito anteriormente, o Brasil é considerado o país da diversidade. E reconhecer as diferenças entre indivíduos como diversidade é o que possibilita isso. As diferenças entre cor, raça, etnia e gênero são pauta de estudos há muito tempo e sempre haverá o que estudar nesse conceito. Afinal, é a diversidade que possibilita isso.

O presente estudo possibilita ainda analisar a composição das cores na narrativa fotográfica do ensaio "(cor)po e gênero".

REFERÊNCIAS

- GOELLNER, Silvana Vilodre. Caderno de Formação RBCE, p. 71-83, Março 2010.
- CARRARA, Sérgio. "Apresentação. Gênero e diversidade na escola". Formação de profissionais de Educação nas temáticas de gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Brasília: SPM, MEC, Seppir, Conselho Britânico, Clam/Uerj, 2006.
- SCOTT, Joan. W. The Comundrum of Equality. Occasional Papers. Março 1999. [Versão em português: O enigma da igualdade. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(1): 11-30, janeiro-abril/2005]
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade *Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed 2001
- HEILBORN, Maria L. Gênero, Sexualidade e Saúde. In: Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 101-110.
- BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Difusão Europeia do Livro, 4ª edição, 1970.
- CARRARA, Sérgio. Gênero e diversidade na escola: Formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- LOPES, Ana E. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. Cadernos de Pesquisa, n. 116, p. 61-80, julho/2002
- GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

